

## A busca pela essência do espaço através de um universo metafísico na obra de Ivan Freitas

Madalena de F. P. Zaccara

Professora adjunta ao Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco.

Janilson Lopes de Lima

Graduando em Educação Artística pela Universidade Federal de Pernambuco

### Resumo

*Esse texto é produto da atividade que vem sendo desenvolvida pelo grupo de pesquisa Arte, Cultura e Memória, vinculado ao Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco. O grupo se propõe a investigar momentos da trajetória das Artes Plásticas brasileiras com ênfase para a produção artística do Nordeste. Ivan Freitas, artista paraibano, é objeto de atual investigação. Aqui abordamos a trajetória de sua poética. Seu caráter didático visa uma utilização posterior em sala de aula.*

Palavras Chave: Ivan Freitas, Arte Brasileira, História da Arte, Arte e Nordeste.

### Abstract

*This text is a product of the activity that has been developed by the research group Arte, Cultura e Memória, connected to the Department of Art Theory and Artistic Expression of the Universidade Federal de Pernambuco. The set goal of the group is to investigate moments in the development of the Brazilian plastic arts featuring the artistic production of the northeast. Ivan Freitas, an artist from Paraíba is the object of this current investigation. Here we will approach the development of this poetry. The academic aspect targets a further use in the class rooms.*

Keywords: Ivan Freitas, Brazilian Art, History of Art, Art and Northeast.

### Ivan Freitas: uma trajetória.

O pintor Ivan Freitas nasceu em 1932, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Na época, o Estado vivia o resultado do confronto político entre o liberalismo adotado pela classe média urbana e o conservadorismo da aristocracia rural. Ivan, menino urbano, viveu o eco daquela disputa, que teve momentos sangrentos e contribuiu para o encerramento da República Velha e o início do governo Vargas interferindo na formação da sua geração enquanto cerceador de liberdades.

Pouco a pouco, na conjuntura nacional, essas liberdades democráticas que já não primavam por sua vastidão, limitaram-se de forma ainda mais radical. Foi nesse contexto, por exemplo, que Benjamin Péret<sup>1</sup> foi expulso em 1931 sob a acusação de ser um agitador comunista. Foi também naquele

momento que Flávio de Carvalho sofreu forte repressão da opinião pública que reagiu violentamente contra performances por ele executadas em São Paulo<sup>2</sup>. Intelectuais em geral recuaram. O “retorno à ordem”, de características internacionais, definiu os caminhos da estética reagindo às experimentações empreendidas pelas vanguardas. O recuo das esquerdas foi paralelo à busca da reconstituição de um mercado de arte por parte de críticos e marchands. Essa conjuntura marginalizou ou isolou criadores que não se enquadravam no vocabulário oficial.

No Brasil - que refletia a situação europeia - as poéticas consideradas adequadas substituíram as investigações dos primeiros tempos que se insinuavam ainda lentamente no modernismo brasileiro. Alguns artistas e os grupos que difundiram o movimento ao longo da década de trinta como o *Grupo Santa Helena*<sup>3</sup> e a *Família Artística Paulista*<sup>4</sup> compartilharam a influência exercida pelo *Novecento*<sup>5</sup> italiano.

No que diz respeito ao surrealismo, ele era considerado irrelevante para as artes do Brasil naquele universo de estreito nacionalismo cultural. Entretanto, apesar das condições desfavoráveis, alguns artistas se ligaram, mantiveram afinidades, tangenciaram ou simplesmente se inspiraram nas poéticas dirigidas a uma dimensão exterior à realidade, à temporalidade e à história. (PONGE Robert, 2004). Ismael Nery, o pernambucano Cícero Dias e o próprio Flávio de Carvalho exemplificam esses envolvimento de caráter individual e temporário.

Dentro desse panorama nacional, Ivan Freitas iniciou-se na pintura aos 17 anos em João Pessoa. Autodidata em suas primeiras telas e atuando como gráfico profissional para sua sobrevivência ele voltou-se, inicialmente, para a temática das paisagens locais: praias, casebres de pescadores, vegetação. De surpreendente apenas a ausência absoluta do elemento humano que, de resto, vai ser uma constante em todo o seu trabalho.

O ambiente artístico paraibano na década de 40 e mesmo na de 50, era caracterizado pelo empirismo e pelo autodidatismo. O clima profissional e o ensino das artes plásticas, quase inexistente, é descrito pelo crítico de arte e artista plástico Raul Córdula (1979), um dos primeiros a se interessar

sistematicamente pelo registro dos acontecimentos ocorridos nas artes plásticas da Paraíba.

“Antes da intensificação do movimento de artes plásticas que caracterizou os anos 60 houve em João Pessoa um aglomerado de artistas de cavalete, que reunidos no Centro de Artes Plásticas da Paraíba, assumiu a pintura de paisagens e retratos da cidade daquela época. A esses artistas, envolvidos no bucolismo da Filipéia, leitores de Rilke e Proust, decupadores dos tons verde vegetal e marinho, seguidores dos pintores franceses de Monet a Matisse, os jovens artistas dos anos 60 devem o sereno exemplo da humildade. Foi no Centro de Artes Plásticas que Ivan Freitas, Arquindy Picado e Breno Mattos, iniciaram-se através da orientação de José Lyra, Olívio Pinto, Pinto Serrano e Hermano José”.

Segundo Vanildo de Brito, em 1956, em João Pessoa, formou-se um agrupamento de artistas intitulado *O Clube do Silêncio*, que foi responsável pela realização de uma exposição com desenhos, poemas e objetos surrealistas. São dessa época as pinturas de Ivan Freitas “com um surrealismo espontâneo, quase ingênuo”. (BRITO Vanildo, 1979). A pintura de Ivan, do período citado por Brito evoca as cenas metafísicas de De Chirico com esculturas esfaceladas em paisagens desertas onde as arcadas romanas do artista italiano são substituídas por cabanas de pescadores associadas a volumes arquitetônicos que levam o espectador à idéia de um horizonte infinito e por estruturas metálicas alienígenas ao ambiente.

Foi também nessa época que surgiu em João Pessoa o *Movimento Magista* que tinha como iniciados esse grupo de artistas e intelectuais sobreviventes na realidade pacata e prosaica da cidade. Para seus seguidores, também de acordo com Vanildo de Brito: “o universo era um enorme ser vivo, o psiquismo não seria privilégio humano, estava em todos os seres: animais, vegetais e até minerais”. O grupo se reunia na Rua 13 de maio em uma república de estudantes onde discutia a essência da estética que seria: “uma comunhão metafísica com todos os seres do universo”.

Pouco depois aconteceu o êxodo. Uns foram para Recife, outros para o Rio de Janeiro. Todos em busca de novos horizontes em centros urbanos com maiores oportunidades. Ivan seguiu em 1958 para o Rio onde se radicou.

A segunda metade da década de 50 foi marcada, no âmbito social, político e econômico, por uma série de transformações que sinalizavam um

momento de transição para uma nova modernidade. Todo o sistema internacional experimentou mudanças. Uma arrancada tecnológica ocorreu no interior de um processo de remanejamento das relações internacionais que permitia a certos países em processo de desenvolvimento, como o Brasil, alcançarem, em determinados setores, um razoável padrão de modernização industrial. O governo de Juscelino Kubstchek propunha-se a modernizar o Brasil dotando-o de indústrias de base e de bens de consumo. Foi nesse contexto que surgiu o *Movimento Concreto* expresso em São Paulo pelo *Grupo Ruptura* sob a liderança de Waldemar Cordeiro. A pesquisa dos artistas ligados ao movimento privilegiava a organização do espaço, a estruturação das formas e das cores e a desvinculação de conteúdos subjetivos.

Um ano após a mudança de Freitas para o Rio de Janeiro, foi publicado o *Manifesto Neoconcreto* no *Jornal do Brasil* e realizou-se a *I Exposição Neoconcreta* no MAN-RJ. O grupo de artistas ligados ao movimento rejeitava o primado da razão sobre a sensibilidade. Era uma tomada de posição contra as ortodoxias construtivas, pela defesa de liberdade e experimentação, pelo retorno às intenções expressivas e o resgate da subjetividade. A poética abstrata racional seduz Ivan, porém, em paralelo, o inconsciente e suas possibilidades sobrenaturais, a intuição e a estranheza do homem em face ao inexplicável e ao inatingível dialoga com sua lógica numa busca organizada por horizontes ainda não visitados. Foi nesse contexto que ele participou, pela primeira vez, do *Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro*.

Uma bolsa de estudos da *Maison de France* o levou a Paris em 1962 onde permaneceu por um ano e freqüentou a Academia *La Grande Chaumière*<sup>6</sup>. No mesmo ano ele realiza sua primeira exposição internacional em Trieste, Itália, na Galeria *La Cavana*, introduzida pelo crítico italiano Giuseppe Marchiori que observa: “é possível detectar no universo de apurado rigor técnico de suas composições/construções, a busca sistemática, fascinada e fascinante das profundezas do ser.” (MARCHIORI, 1962). Também em 1962, participa de mostra na *Galeria Barcinsky*, no Rio de Janeiro, apresentado por Antonio Bento e pela escultora surrealista Maria Martins, que havia exposto no Brasil em 1956 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No catálogo da mostra da artista, Péret afirma que “as esculturas de Maria anunciam um

mundo que ainda não existe, a menos que ele prolifere alhures, fora da nossa vista; mas debaixo de que céus?”. Certamente poderiam ser os céus pintados por Freitas algum tempo depois: cenários irrealis e enigmáticos cheios de luzes, prismas e planos misteriosos onde a técnica apurada não destrói a imaginação.

Sua volta ao Brasil, onde permanece até 1969, não o conduz a uma cumplicidade com um grupo de trabalho interessado na sua busca pelos universos paralelos à nossa cotidiana materialidade. Pouca notícia se tem de grupos ligados ao surrealismo no Brasil antes da década de 60 quando se destaca a exposição realizada em São Paulo, em 1967, do grupo que se formou em torno de Sérgio Lima<sup>7</sup>, intitulada: *A mão mágica e o andrógino primordial*. De uma maneira geral a atividade ligada ao surrealismo aconteceu de forma isolada e descontínua.

Por outro lado, o sopro de liberdade que passou a existir após a ditadura Vargas e que se fortaleceu no governo Kubistchek desapareceu com o golpe militar de 1964. A própria Bienal de São Paulo da qual Ivan participou entre 1961 e 1975, ano em que foi premiado, sofreu de perto os efeitos da repressão política no país. Em sua versão baiana - da qual Ivan participa em 1966 - foi fechada na sua segunda edição, em 1968, no dia seguinte à sua inauguração. Observa-se, então, a emergência de poéticas relacionadas ao realismo social que não provocam o artista.

Foi atrás de novos céus, novos horizontes, que Freitas viajou para os Estados Unidos em 1969, patrocinado pelo International Telephone and Telegraph Corporation, onde permaneceu durante três anos. Durante o período anterior à partida, participou da *Bienal Internacional de São Paulo*, do *Resumo de Arte do Jornal do Brasil* e da *Opinião 65* tornando-se nome respeitado nas artes plásticas brasileiras. Nos Estados Unidos, expõe na *Pan American Union*, em Washington no mesmo ano e na *Iramar Gallery* em Nova Iorque em 1971. Sobre essa exposição a crítica local informa que “trabalhando num estilo geométrico e linear, o pintor e escultor Ivan Freitas mostra obras em dois diferentes níveis, construindo máquinas reais ou pintando em trompe l’oil projeções dessas máquinas. Nos melhores trabalhos ele combina o real com o sugerido”. (BROW, Gordon, 1971). O tridimensional torna-se também objeto de pesquisa.

Na volta dos Estados Unidos apresenta trabalhos cinéticos onde lida com o imaginário mágico do espectador. Na construção cinética intitulada *Galáxia*, datada de 1974, onde é utilizada tinta acrílica sobre Eucatex conjugados com instalação elétrica e pinos de acrílico sua atração pela tecnologia não o afasta de sua fantasia. Para Olívio Tavares de Araujo os objetos produzidos no período se assemelhavam a espaçonaves impossíveis. (TAVARES DE ARAUJO, Olívio, 2002).

Na década de 80, o artista vive e trabalha no Rio de Janeiro onde assume de vez seu fascínio antigo pelo surreal. São registros de dimensões alternativas e de mundos recriados nunca antes alcançados e eternamente ambicionados. Essas marinhas e paisagens onde a luz estudada se reflete em prismas que unem mar e céu, povoam-se novamente das estruturas de uma arquitetura onírica dos primeiros tempos. Sua pintura reaproxima-se das primeiras abordagens do universo metafísico de De Chirico feitas no Nordeste de sua juventude para onde volta cada vez mais freqüentemente.

Pouco a pouco Ivan retorna à Paraíba de sua infância. Agora alterna a pintura com objetos e instalações. Sua série, intitulada *Cidades da Memória*, exposta em 1996 na Galeria *Fernando Falcone*, em João Pessoa, é composta de mares e céus cada vez mais consistentes e próximos que se afastam do fantástico e aproximam-se do real. Através de seus portais imaginários a praia de Tambaú ou o Cabo Branco aparecem reais, hiper-realistas mesmo. Uma trave de um campo de futebol contra um mar de verão substitui espaçonaves.

Ivan continua a viver trabalhar e expor no Rio, mas seu retorno ao Nordeste se faz cada vez mais presente em sua pintura. Suas últimas obras expressam essa volta. Sua cena final é o antigo *Ponto de Cem Réis*, o coração da antiga João Pessoa. Não existe para ele o atual *Viaduto Damásio Franca*, povoado de ambulantes e carros. É uma paisagem urbana dos anos 50. A que ele não pintou. É a cidade da memória, finalmente reencontrada, onde circulavam os antigos membros do *Clube do Silêncio*. Essas figuras de ternos antigos são os primeiros humanos a povoar suas paisagens. Seus rostos são colagens de fotos dos amigos que ele reencontra congelados no espaço da memória.

## **Ao encontrar a solidão do espaço percebe-se só.**

No início de sua carreira, Freitas materializa paisagens regionais. Com o tempo, mesmo que, em muitos casos, a Paraíba não seja mais a sua única referência, sua terra natal nunca será excluída de seus trabalhos.

Comparando as representações espaciais fluminenses com as da Paraíba, que correspondem ao início de suas atividades como pintor, é possível perceber que, desde o início de seu trabalho, ele se encanta com a possibilidade de alcançar os mistérios que envolvem o desconhecido.

A prática comum, para os artistas do *Centro de Artes da Paraíba*<sup>8</sup>, de pintar *In loco* deu a Ivan Freitas as ferramentas necessárias para a compreensão do espaço real. O contato com o *Clube do Silêncio*, de investigações surrealistas, lhe forneceu embasamento na trajetória para o mundo do inconsciente.

As suas telas abstratas não possuem uma natureza de expressão automática. O artista quer de uma maneira concentrada, se aventurar pelo enigma do espírito. À sua maneira racional constrói composições de apurado rigor técnico, anexando valor à sua sensível e sofisticada cor na busca pelas respostas que envolvem o intangível mundo das profundezas do ser. Essa busca pela essência das coisas continuará sempre presente em seus trabalhos.

A abstração geométrica vai reforçar o vazio e a solidão com os quais o artista se depara no seu encontro com o espaço e a sua associação à experiência cinética vai agregar ao espaço solitário de suas obras geométricas luz e movimento. A busca por um conhecimento do espaço o leva na direção de representações cada vez mais próximas do universo que, com seu brilho e constante movimento de expansão, colabora novamente para a investigação de seus enigmas e mistérios.

A pouca acessibilidade e quase nenhuma resposta aos seus questionamentos faz Ivan se debruçar sobre representações onde o espaço e o tempo comungam a mesma vontade de respostas sobre o infinito que se esconde entre o céu e o mar. Surge então, em sua obra, paisagens oníricas onde, se inexistente o humano, a presença dele é sentida observando essas telas como que tentando decifrar a sua natureza essencial.

Segundo Ferreira Gullar, em artigo para a revista *Isto É* de agosto de 1983, Ivan Freitas, em seus trabalhos, não se volta para o mundo subjetivo do inconsciente. Ele questiona o futuro. Futuro esse onde a solidão reina absoluta. Esse sentimento, porém, não se assemelha à sensação de um ser que se vê impotente diante da vastidão da natureza, como a que é transmitida pelas figuras humanas nas representações do pintor, romântico, alemão Gaspar David Friedrich. Ele fala do vazio de um espaço sereno e ordenado que o homem, devido a sua condição material, não alcança.

Sem dúvida não se pode negar que suas construções são racionais. Essa formalidade do pensar materializa - se nas cores frias que banham as suas telas. Até os arco-íris, que poderiam aquecer esse espaço, não conseguem dar um ar informal aos cenários. Eles parecem surgir do reflexo de um prisma que, aparentemente, está sendo estudado cientificamente.

Essas construções produzem mundos onde a imperfeição real não tem lugar e que acabam por abrir as portas para um espaço além do racional. Elas acessam o mundo abstrato das idéias onde, segundo Platão, a perfeição domina. Se, em determinados momentos, Ivan Freitas foge do seu mundo subjetivo, ele projeta em suas telas um mundo real, porém inalcançável e, através dele, comunica ao espectador a solidão geral de todos os seres.

Em suas paisagens idealizadas, os objetos fazem parte de um mundo harmonioso e sereno. A luz que os banha, produz sombras que, em certo ponto da trajetória do artista voltam a se comunicar com as obras metafísicas de De Chirico. Entretanto, os prédios e pórticos repletos de história e simbologia visitados por Freitas em suas primeiras telas diferem dos frios objetos de agora que já não possuem mais história para contar. Eles já não carregam mais em si o peso imperfeito da civilização.

Referências ao mundo real aparecem em algumas obras: paisagens do Rio de Janeiro ou da Paraíba são utilizadas para compor esse novo universo. Nelas, o fantástico acaba por se sentir a vontade nas margens da realidade e as suas representações, por mais hiper-realistas que sejam, tornam-se paradoxais: mostram a perfeição de um mundo real imperfeito.

Intuitivamente, no início de sua carreira, o artista olha para os espaços vazios que existem entre os objetos e se encanta com as diversas possibilidades que esse mundo paralelo pode lhe proporcionar. Porém, após



uma vida artística coerente com essa primeira descoberta chega a conclusão de que esse vazio nada mais é que a representação de nós mesmos.

Mesmo em seu mundo ideal, os demônios ainda sobrevivem. Ivan, entretanto, continua a sua busca pela essência do espírito. A tarefa é aparentemente fácil, por se tratar de um mundo idealizado. Porém, o ato de criar, que em metáfora, se iguala a um poder divino, não proporciona ao artista tocar o divino. Ele tenta construir um mundo onde a serenidade domina, mas ao tentar descobrir os seus mistérios, percebe que a sua matéria é densa demais.

Não há nada mais além de solidão e de silêncio. O retorno à origem, quando representa o *Ponto de Cem Réis* em João Pessoa, reflete essa conclusão angustiante. Constrói sua última cena, sua última percepção do mundo. Não é um mundo de características futuristas, mas sim um cenário de lembranças.

No fim, ele ainda tenta voltar ao passado. Recria um ambiente sem as interferências modernas do crescimento urbano onde idealiza um encontro hipotético com velhos amigos. Escreve para eles em busca de retratos. Pinta seus corpos, mas espera as cabeças. Muitas fotografias não chegam a tempo. Por uma brincadeira malvada do destino alguns corpos não recebem seus espíritos, suas almas, suas identidades. O espaço paralisa-se, enfim.

## Notas

---

<sup>1</sup> Benjamin Péret, juntamente com seu amigo André Breton e ao lado de personalidades como Louis Aragon, Philippe Soupault e Paul Éluard fundou o Surrealismo.

<sup>2</sup> “Domingo, às 15 horas, quando desfilava pelas ruas do centro da cidade a procissão de Corpus Christi, um rapaz muito bem posto, que se achava na esquina da rua Direita e Praça do Patriarca, não se descobriu, conservando ostensivamente seu chapéu na cabeça. Os crentes, que acompanhavam o cortejo, revoltaram-se com esta atitude e exigiram em altos brados que ele se descobrisse. Ele, no entanto, sorrindo para a turba, não tirou o chapéu, embora o clamor da multidão já se tivesse transformado em franca ameaça. Foi então que inúmeros populares tentaram linchá-lo, investindo contra ele. O rapaz pôs-se em fuga, ocultando-se na Leiteria Campo Bello, situada à rua São Bento, até onde foi perseguido pelos mais exaltados”. (O Estado de S. Paulo, 7 de Julho de 1931).

<sup>3</sup> Grupo *Santa Helena* foi o nome atribuído pelo crítico Sérgio Milliet aos pintores que, a partir de meados da década de 1930 utilizaram os ateliês situados em um edifício da Praça da Sé, na cidade de São Paulo, denominado *Palacete Santa Helena*. Composto em sua maioria por imigrantes ou filhos de imigrantes italianos, seus componentes eram de origem humilde e exerciam, para sobreviver, atividades artesanais. A pintura era praticada nos fins de semana e momentos de folga.

<sup>4</sup> A *Família Artística Paulista*, grupo formado em São Paulo em 1937, fundado e dirigido por Paulo Rossi Osir e Waldemar da Costa, contou com a participação de diversos artistas, além daqueles integrantes do *Grupo Santa Helena*. As origens sociais do grupo refletem-se na sua produção. A formação desses artesãos, pintores e decoradores obtida nas escolas profissionalizantes da época, ocorre totalmente à

margem dos círculos de vanguarda. Sua produção plástica dos anos de 1930 se distancia da experimentação dos anos 1920 e reflete o “retorno à ordem” no Brasil.

<sup>5</sup> O *Novecento* foi um movimento que nasceu em Milão em 1922 e reuniu a obra de um grupo de artistas liderados pela crítica de arte Margherita Sarfatti Grassini. O nome sugere uma associação do século XX aos grandes períodos clássicos da arte italiana como o *Quattrocento* e o *Cinquecento*. Pretendia revitalizar a arte italiana com base em uma volta a sua fonte mais pura: o classicismo.

<sup>6</sup> Trata-se de uma escola de arte francesa, situada em Montparnasse, privada, estruturada com cursos livres de desenho, pintura e escultura - com aulas práticas e teóricas - e abertas a qualquer interessado.

<sup>7</sup> Sérgio Lima é poeta, ensaísta e artista plástico. Publicou livros como *A alta licenciosidade* (1985) e *A aventura surrealista*.

<sup>8</sup> O *Centro de Artes da Paraíba* foi uma associação de artistas não profissionais que se reunia na Rua Barão do Triunfo, em João Pessoa. Visava à congregação dos artistas locais e o ensino das artes plásticas.

## Referências

BRITO Vanildo de. (apresentação) in CORDULA Raul, PEREIRA JUNIOR, Francisco. *Os anos 60: revisão das artes plásticas na Paraíba*. João Pessoa: FUNARTE/UFPB, 1979.

BROW, Gordon. *Ivan Freitas*. Arts Magazine, 1971, in *Catálogo de Exposição da GB Galeria de Arte*. Rio de Janeiro, 1989.

CORDULA, Raul, PEREIRA JUNIOR, Francisco. *Os Anos 60: revisão das artes plásticas na Paraíba*. João Pessoa: FUNARTE//UFPB, 1979

ECO, Humberto (org.). *História da beleza*; Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004

GULLAR, Ferreira. *Isto É*, 24 de agosto de 1983 in *Catálogo de Exposição da GB Galeria de Arte*. Rio de Janeiro, 1989.

MARCHIORI, Giuseppe in *Catálogo de Exposição da Galeria La Cavarria*, Trieste, Itália, 1962.

PONGE, Robert. *Notas sobre a recepção e a presença do surrealismo no Brasil: Nos anos 1920-1950* in Alea: Estudos Neolatinos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, PP.53-65

RODRIGUES, Elinaldo. *A arte e os artistas da Paraíba: perfis jornalísticos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2001.

SCHURIAN, Walter. *Arte fantástica*. London: Taschen, 2005.

TAVARES DE ARAUJO, Olívio. *Mundos Alternativos* in *Catálogo de Exposição da Galeria Ricardo Camargo*. São Paulo, 2002.

ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.

## Currículo Resumido

Madalena de Fátima Zaccara Pekala é doutora em História da Arte pela Université Toulouse II, França. É professora adjunta ao Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco e líder do grupo de pesquisa *Arte, Cultura e Memória*.

Janilson Lopes de Lima é graduando na licenciatura em Educação Artística - Artes Plásticas, do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da

---

Universidade Federal de Pernambuco. É membro do grupo de pesquisa *Arte, Cultura e Memória*.